

Da performance cotidiana à performance cultural: memória e tradição em desfile

Adalberto Santos

Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – UFBA

Professor Adjunto - Doutor em Sociologia – UnB

Resumo: Este artigo é um estudo de natureza interdisciplinar e analisa a performatização, tomando como objeto o (re)significar do trabalho inerente ao universo tradicional. Parte-se do pressuposto de que formas de produção e saberes estavam em consonância com as bases sociais que lhes davam substrato, mas deslocamentos produzidos com o avanço de estruturas produtivas modernas deram fulcro às formas de expressões culturais que marcam a resistência do imaginário popular na produção da identidade dos baianos e que encontram nas comemorações da Independência da Bahia o lócus para potencializar representações de memórias narradas através de performances.

Palavras-chave: performances, tradições, resistência, memória.

Introdução

É somente na modernidade que atores sociais se convertem em objetos de interpretações que fizeram perceber como se processa a identidade. Esses estudos têm permitido compreender as manifestações cotidianas enquanto ato performático. Nesse campo, pode-se destacar a sociologia de Pierre Bourdieu, que ampliou os estudos sobre processos de dominação e de estruturação de práticas e de representações ao campo das performances sociais cotidianas. De forma distinta, Erving Goffman, ao destacar aspectos performativos na interação humana, ressalta o caráter dramático acionado pelos indivíduos quando apresentam a si próprios e suas atividades a outros.

As teorias propostas se constituem numa reflexão peculiar, fazem perceber como os processos de interação desencadeados pelo imaginário moderno estão intimamente ligados à produção de atores sociais portadores de domínio reflexivo de sua representação em público. Uma leitura apressada poderia levar à compreensão de que o cotidiano se traduziria num campo de disputa entre atores que circulam num mundo de fachada. Mas os pressupostos teóricos que orientam a produção desse artigo não traduzem o entendimento de que o caráter performático fez das práticas cotidianas algo facilmente manipulável, nem tão pouco comunga com a idéia de que a vida social seria resultante da capacidade de diferentes atores acionarem mecanismos que controlam a impressão que dão de si, mediante a seleção de comportamentos que julgam apropriados.

As obras desses dois autores alertam para o fato de os grupos humanos possuírem mecanismos para atuarem sobre as trajetórias individuais de seus membros. A teoria proposta pelo francês descreve os meios pelos quais uma comunidade objetiva um sistema de disposições inscrito no *habitus* de um grupo, classe ou fração de classe, afirmando não haver consenso entre os vários indivíduos em interação. Assim, reforçam a

idéia de que as interações não são suscetíveis de controle por nenhum dos atores e de que as teias simbólicas que erguem não têm centro.

Partindo, sobretudo, dos estudos de Goffman (2008), é possível acompanhar a performatização vinculada a estabelecimentos sociais, mas caberia construir bases teóricas que permitissem desvelar jogos performáticos para além desse universo e apontá-los como partes integrantes de diversos momentos da vida cotidiana. Não se faz necessário o olhar de especialista para perceber performance nos jogos que marcam a vida das diversas coletividades. Mas o caminho proposto nesse artigo quer fazer compreender que as necessidades de controle das formas de representação, reclamadas pelo imaginário moderno, desencadearam processos performáticos de caráter cultural.

Acompanhar atores em interação e encontrar paralelos entre suas performances e o universo de trabalho implica em conhecer os segredos da performance e a aparência de realidade que (re)cria. O caminho encontrado para a sustentação dessa narrativa implicou na análise de performatizações vinculadas aos arranjos produtivos tradicionais. Acredita-se que por essas performances terem constância no tempo pode-se conhecer os significados inerentes ao papel desempenhado e a informação compartilhada com os espectadores a respeito da representação.

Memória e resistência

Estudos que percorram a trilha desenhada por performances sociais cotidianas que se transformaram em performances culturais podem ajudar a compreender como os grupos refletem sobre o entendimento que fazem de si próprios. No entanto, não se pode adotar a articulação entre performance social cotidiana e expressão performativa teatral em termos absolutos. No primeiro caso, os papéis vividos ou os *habitus* incorporados não estão sujeitos a cortes, repetições, interrupções do encenador tão comuns aos atos performáticos de caráter teatral (RAPOSO, 1996).

Como conceber tradições, que remetem às memórias de grupos particulares, como performances e destacar-lhes o aspecto dramático? Essa questão pode ser respondida quando se analisa os processos de (re)significação por que passaram as culturas populares no Brasil, em especial na Bahia, na medida em que a participação popular nas lutas pela independência potencializou representações de memórias, ou melhor, estratégias de resistência cultural que contribuem com processos de identificação.

O caminho que trouxe a Bahia ao contemporâneo traz no seu bojo a desintegração dos arranjos produtivos tradicionais. A (des)regulação do universo produtivo deram fulcro a novos modos de sociabilidade e coesão. Antes as práticas culturais estavam integradas ao dia-a-dia da comunidade e às práticas produtivas adstritas, agora são (re)significadas e se dão à fruição não apenas das comunidades de pertinência, mas atraem

um novo público. Os participantes não apenas fazem coisas, como na atividade cotidiana, mas comemoram a memória, celebram reflexivamente a diferença e a singularidade, (re)inventam o que afirmam ser o seu passado e as suas tradições, mobilizando sentimentos, tornam pública sua identidade, apresentando-a tanto aos seus membros como à estranhos.

A memória é o suporte fundamental da identidade, funcionando como mecanismo de retenção de informação e de conhecimento, articulando os aspectos multiformes da realidade, conferindo-lhes inteligibilidade (MENEZES, 2004). Por isso mesmo, entender o processo pelo qual as performances cotidianas se transformam em performances culturais implica em lançar o “olhar” sobre memórias que têm constância no tempo e compõem narrativas que sustentam processos de identificação. Nesse trabalho, o “olhar” deteve-se sobre tradições populares baianas, pois são elementos vitais da vida cotidiana. Mas tradição tem pouco a ver com persistência de velhas formas, os elementos que a compõe têm vivido processos de (re)organização, permitindo sua articulação com diferentes práticas e posições, na medida em que a trilha que trouxe a Bahia ao contemporâneo foi marcada por alterações, que levaram ao desencaixe e (re)encaixe de práticas e costumes. As tradições assumiram novos significados e relevância, conferindo nova ressonância à vida cultural e dotando atores sociais da distinção necessária para a construção de processos de identificação que permeiam as sociedades contemporâneas.

Performance com resistência

O período que segue à independência do Brasil do domínio português é marcado por transformações que estão por trás da desagregação do regime escravocrata-senhorial e da formação de uma sociedade de classe (FERNANDES, 1976). Na Bahia, a luta pela independência se constituiu em elemento chave para entender o imaginário social desencadeado. Em dois de julho de 1823, quase dez meses após o grito do Ipiranga, as tropas portuguesas foram expulsas de Salvador, depois de muitas batalhas.

Naquela época não havia um exército brasileiro regular, os confrontos deram-se com a participação da população local. A guerra travada não produziu grandes batalhas, foi feita de cercos e emboscadas arquitetadas por sertanejos, índios, negros livres, escravos, capoeiras, trabalhadores rurais e vaqueiros (RISÉRIO, 2004). A participação popular na luta pela independência balizou os processos de identificação dos baianos, criando heróis e heroínas, como Maria Quitéria, que se vestiu de homem para participar do combate; Sórora Joana Angélica, martirizada às portas do Convento da Lapa; o corneteiro Luís Lopes que, ao trocar o toque de recolher por avançar, acabou por propiciar a maior vitória dos brasileiros; e Maria Felipa, a heroína negra que comandou a resistência em Itaparica.

Nos anos que se seguiram, a ação popular instituiu mecanismos de rememoração dos atos heróicos que marcaram a participação desse segmento na luta. Os festejos comemorativos iniciaram-se de forma involuntária e, com o passar dos anos, era comum ver pessoas nas ruas nessa data para lembrar os feitos heróicos. Gradativamente, os festejos passaram a compor o gosto da sociedade local. Ao longo dos anos, sofreu várias mudanças – ora tido como baderna, ora assumindo caráter mais formal afeito os gostos das elites locais – para, hoje, se constituir na festa cívica mais importante da Bahia, comemorando e rememorando a conquista da identidade e da liberdade.

Seguindo as imagens do caboclo e da cabocla, elementos centrais do Cortejo, desfilam da Lapinha ao Campo Grande quantidade significativa de performances culturais que remetem à memória popular e, sendo memória-conexão, tecem relações entre o fato histórico e reconstituem circunstâncias e conjunturas significativas. A performatização das tradições populares se intensifica, práticas inerentes ao trabalho dos grupos populares tornam-se objeto de espetacularização. Dentre elas merecem destaque o grupo que abre o cortejo. Tal fato remete à participação de um grupo de vaqueiros que partiram do Povoado de Pedrão para unirem-se ao exército patriótico, paramentados com seus instrumentos de trabalho. Esse grupo de heróis da independência da Bahia ficou conhecido como os Vaqueiros de Pedrão e, hoje, a entidade que se faz presente no desfile assume o nome de Encourados de Pedrão, numa referência ao uso de vestimentas de couro, típicas dos vaqueiros nordestinos que singravam a caatinga.

Os Vaqueiros de Pedrão demonstram sua bravura e valentia ao participar das lutas pela Independência. Hoje, os Encourados constitui um ato que retrata o universo simbólico daquela época. O utensílios e vestes inerentes ao trabalho do sertanejo, que deixou suas roças para participar da luta, agora são elementos que compõem a fachada do ato performático que (re)conta os atos heróicos de baianos do passado. O que era performance cotidiana vinculada ao universo do trabalho tradicional, ao longo dos anos e como estratégia de resistência, é (re)significada e permanece como vestígios de um passado que sabe se fazer presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte; gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Identidade cultural e arqueologia. In: BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 2004.

RAPOSO, P. Performances teatrais: a alquimia dos corpos in actu. In: ALMEIDA, M.V.. (org.), *corpo presente: treze reflexões antropológicas sobre o corpo*. Oeiras: Celta, 1996.

RISÉRIO, Antonio. *Uma história da Cidade da Bahia*. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2004.